

EXPANSÃO DO EMPREGO FABRIL NO OESTE DO PARANÁ: MELHORIA OU DEGRADAÇÃO DA VIDA DOS TRABALHADORES

Gabriel Rodrigues da Silva
grsdemolay@hotmail.com

RESUMO

Estão em questão neste texto discussões pertinentes as consequências da expansão do emprego da força de trabalho na indústria em Marechal Cândido Rondon – PR, relativo ao questionamento das alterações das condições de vida dos trabalhadores inseridos no circuito da produção industrial, seja a partir de melhoria destas condições ou degradação. Este questionamento tem como reflexão as contradições existentes no seio do modo capitalista de produção, principalmente da exploração da força de trabalho e seu uso. Importante considerar as questões referentes ao conceito de desenvolvimento posto, visto a relação existente e bastante próxima entre desenvolvimento e acumulação de capital, propiciando verificar que não deve ser restringido à ampliação do capital, mas de forma mais ampla que abarque um conjunto de questões sociais e humanas, relativas às relações sociais, acesso a moradia de qualidade, educação, saúde, alimentação entre outras questões.

A expansão do emprego fabril em Marechal Cândido Rondon está relacionada à principal base econômica – agricultura, principalmente a produção de soja e milho, esta expansão relaciona-se à ampliação das empresas agroindustriais, sendo as cooperativas como referência de geração do emprego no setor industrial, no caso de M. C. Rondon foi representativo a inauguração da Unidade Industrial de Aves da Cooperativa Agrícola Mista – Copagril de Marechal Cândido Rondon, que representou forte impacto na criação do emprego industrial na região Oeste do Paraná.

No texto é discutido também a expansão da atividade industrial em algumas cidades do Oeste do Paraná e os efeitos deste crescimento, seja em relação ao nível salarial dos trabalhadores, seja nas possíveis relações com a dinâmica da pobreza.

Breves considerações sobre o desenvolvimento capitalista

A análise a ser feita neste texto é sobre o desenvolvimento capitalista e seus efeitos para as questões sociais, as implicações existentes na ampliação deste sistema econômico para a sociedade, especificamente para a desigualdade existente no acesso aos benefícios gerados por esse desenvolvimento capitalista, uma das questões basilares desta desigualdade é o aumento da pobreza, sendo a questão social que congrega graves problemas sociais, tais como, educação de baixa qualidade, falta de moradia, alta concentração de terras, baixos níveis de alimentação, entre outros fatores. Neste sentido pretende-se refletir sobre o desenvolvimento capitalista juntamente com a pobreza.

No conjunto de crescimento econômico e expansão, o deslocamento do capital representa que determinadas regiões provêm recursos mais propícios para exploração e

consequentemente melhores níveis de lucro e acumulação, assim como outras áreas não apresentam tais características, portanto o desenvolvimento do capital não ocorre uniformemente no espaço, sendo determinante tais características em áreas diversas, os efeitos do crescimento e expansão do capital irão refletir nas características do espaço onde houve tal expansão, bem como em regiões que não apresentarem tais níveis de crescimento.

Os motivos e as consequências do intenso deslocamento de plantas produtivas, motivadas pelas necessidades de acumulação capitalista, de maior produção e acumulação de capital, ou por fatores que contribuem para a fixação de indústrias em determinadas regiões e/ou cidades, deve estar na ótica de estudos da Geografia, chamando esta ciência a investigar este deslocamento espacial, com rebatimentos principais para o mercado de trabalho. Devem-se incluir nos motivos que propiciam este deslocamento tais fatores: mão-de-obra barata, isenção fiscal, inexpressiva representação sindical, ou regiões dotadas de matérias primas. Este processo de deslocamento e fixação de indústrias em determinadas áreas tem como aporte o procedimento de territorialização – desterritorialização – reterritorialização de capital, desdobrando-se também na mobilidade da força de trabalho.

Esta fixação de indústrias seja em sua criação ou deslocamento para outras localidades, implica em condições que atuam diretamente na sociedade e na produção do espaço. O espaço capitalista que se desenvolve, apresenta elemento importante que é o seu desenvolvimento desigual, conforme CARVALHAL (2007 p. 78)

a divisão territorial do trabalho ensejada pelo capital está articulada tanto à necessidade expansiva do capital, quanto à geografia própria do capital, isso significa que ao expandir reproduz as desigualdades espaciais, com valorização em alguns lugares e desvalorização em outros.

Assim, esta análise nos permite refletir que a mobilidade do trabalho, praticada pelo capital reproduz o desenvolvimento desigual espacial, ou seja, determinadas localidades vão oferecer melhores condições de fixação da força de trabalho, e também promovendo formas pelo qual o capital mantém condições propícias para sua expansão.

Desse modo, implica investigar os motivos pelos quais o capital se move no espaço, desdobrando em diversos fatores, tanto espaciais como sociais. Este movimento do capital em se deslocar no espaço representa ampliação da acumulação capitalista, sendo próprio seu movimento para manter taxas de crescimento. David HARVEY (2006) refletindo sobre a teoria da acumulação em Marx, contempla que

a teoria marxista começa com a dinâmica da acumulação, e, dessa análise, procura deduzir certas necessidades com respeito às estruturas geográficas. A paisagem criada pelo capitalismo também é vista como lugar da contradição e da tensão, e não como expressão do equilíbrio harmonioso (HARVEY, 2006 p. 55).

Como explana HARVEY (2006) a expansão capitalista não representa o equilíbrio, mas necessariamente a contradição, refletindo-se na materialidade diversa do espaço. Uma das formas de expressar este lugar da contradição é a expansão das condições vinculadas à pobreza, principalmente onde há acumulação crescente de capital, pois esta acumulação tende a ser desigual e concentrada. Desta forma o modo de acumulação de capital demonstra sua real face, ou seja, sua tendência em ser concentrado, possibilitando espaços diversos, com maior ou menor nível de desenvolvimento, materializando-se no avanço contraditório das condições sociais de pobreza.

A expansão capitalista condiz necessariamente com a expansão da exploração. Sobretudo em condições de necessidade de obter taxas de acumulação altas para compensar esta expansão. No seio do modo capitalista de produção, uma das formas que ocorre a acumulação¹ é via absorção da mais-valia, exploração esta referente à submissão do trabalho vivo aos modos particulares do sistema metabólico do capital.

Portanto, quando vivenciamos épocas de expansão da atividade industrial que requer taxas consideráveis de utilização do emprego da força de trabalho, estamos diante da expansão também da exploração da força de trabalho, por outro lado a oportunidade de que a força de trabalho seja explorada pela lógica do capital, representa muitas vezes o ensejo de ter um salário, ainda que injusto, mas que pode representar o mínimo para o quê poderia ser o nada. Dessa forma há um mecanismo interno à sociedade capitalista que supõe a necessidade de que o trabalhador tenha que vender sua força de trabalho, mesmo que seja a preço vil, o que em outras palavras significa que o salário é a condição para o trabalhador sobreviver, eis a “liberdade” do capital.

Outra condição necessária para a expansão do modo capitalista é a materialização da contradição, do desenvolvimento da desigualdade, considerando como geografia própria do capitalismo de expansão e retração deste desenvolvimento, principalmente referente à espacialidade própria do desenvolvimento capitalista.

Esta geografia do capital reflete-se na desigualdade espacial sendo “parte de um todo que é o desenvolvimento contraditório do capitalismo” (SMITH, 1988 p. 151). Neste entendimento de Neil SMITH a diversidade espacial é o resultado de múltiplas relações

¹ Outras formas de acumulação são relevantes, como a renda da terra e acumulação financeira.

capitalistas, que tem em sua base o desenvolvimento contraditório do capital, este desenvolvimento espacial diverso tem como aporte a divisão do trabalho, neste contexto sendo o território como elemento de compreensão desta divisão.

No processo de diferenciação social e do espaço SMITH (1988) apresenta quatro escalas em que ocorre o processo de diferenciação social:

a) a divisão social *geral* do trabalho (e do capital) em diferentes departamentos; b) a divisão do trabalho (e do capital) em diferentes setores *particulares*; c) a divisão do capital social entre diferentes *capitais individuais*; d) a divisão *específica* de trabalho no interior da fábrica (SMITH, 1988 p. 163 *grifo do autor*).

O autor considera que estas divisões não apresentam iguais importâncias no processo de diferenciação, dando maior ênfase para a escala dos capitais individuais, considerando como processo direto, “capital concentrado e centralizado em alguns lugares em detrimento de outros” (SMITH, 1988 p. 168) e na escala da divisão particular do trabalho, correspondendo na divisão da economia em diferentes setores, sendo menos direta a diferenciação do espaço geográfico.

Estes processos de diferenciação espacial refletem-se na desigualdade de acesso da sociedade aos bens materiais e serviços básicos, sendo marcante a desigualdade social inerente ao desenvolvimento do capital, ou seja, está em seu modo peculiar de crescimento, em sua estrutura, como demonstrado pela análise de SMITH (1988). Neste intuito vemos que o uso de termos que procuram expressar a expansão e evolução do sistema capitalista não condiz com sua representação, exemplo notadamente importante é a utilização do termo “desenvolvimento” para representar melhorias das condições de vida, mas por traz desta representação vemos que suas características são bastante distintas.

Conceitualmente o termo desenvolvimento, visto principalmente pelo viés do capital, perpassa pelo conjunto de melhorias da atividade produtiva e conseqüentemente do aumento das taxas de lucro e de acumulação dos capitalistas, neste conjunto para o capital, desenvolvimento representa ampliar o modo de produção e acumulação em escalas cada vez maiores, comandadas sob a égide da exploração da força de trabalho e da natureza. Conceitualmente isto representa, para o capital, em resumo o termo desenvolvimento.

Certamente que este termo é restrito para abarcar todas as formas de desenvolvimento presente, principalmente quando tratamos este desenvolvimento como desenvolvimento da sociedade, que não está assentada somente no âmbito econômico, mas também em questões culturais, políticas, saberes científicos e populares, acesso à terra e à

cidade com melhorias habitacionais, sistema de saúde, entre outras questões, isto representa o conjunto social e não apenas o viés econômico. A sociedade, como bem explicita o termo não se restringe o crescimento econômico, às relações econômicas, e sim relações sociais, sendo mais ampla suas considerações. Neste sentido, a condição de pobreza procura expressar de forma ampliada o desenvolvimento da sociedade, pois nela está materializado o desenvolvimento econômico com acesso desigual e também questões construídas socialmente, preconceito, racismo, etc.

Assim como explicita CORSI (2002 p. 26) “industrialização, crescimento do PIB, crescimento da renda etc. não significam necessariamente melhora das condições de vida do conjunto da população de um país”. Logo, a base econômica não é única para expressar o desenvolvimento concreto da sociedade.

Portanto a discussão do desenvolvimento não deve ficar restrita às questões de cunho econômico, mas devem ser considerados principalmente seus aspectos humanos, importante apreciar o desenvolvimento econômico, mas num modelo em que todos tenham real acesso aos resultados da ampliação econômica.

Desenvolvimento do Capital Industrial em cidades do Oeste do Paraná e as consequências para os trabalhadores

O desígnio desta parte é apresentar aspectos do desenvolvimento do capital industrial no Oeste do Paraná, mostrando a partir das necessidades do capital para sua expansão e posteriormente os efeitos da expansão industrial para os salários dos trabalhadores das indústrias.

Trataremos o debate a partir das estruturas que o capital necessita para haver crescimento e, sobretudo seu desenvolvimento HARVEY (2006) no capítulo II “A Geografia da Acumulação Capitalista: uma reconstrução da teoria marxista” comenta relativo às necessidades do capital para sua expansão, considerando algumas características importantes de reflexão, tais como, estruturas de circulação de mercadorias eficientes contemplando formas de circulação da mercadoria, seja no transporte ou no consumo, possibilitando expansão numa escala geográfica mais ampla. Esta circulação engloba meios de transporte e de comunicação, não apenas com boas condições estruturais, mas principalmente redução de custos para que atinja uma escala geográfica expansível, principalmente relacionada à realização do capital, no consumo das mercadorias produzida.

Estas condições estruturais para a expansão da acumulação de capital ocorrem tanto a montante do processo produtivo quanto a jusante, visto que a acumulação ocorrerá tanto na exploração do meio ambiente e da produção das mercadorias, quanto na possibilidade de obtenção de maiores taxas de lucro na circulação das mesmas.

Observando o processo produtivo e a exploração existente, é importante considerar sobre as estruturas geográficas necessárias para a expansão do capital, nesse aspecto é relevante apreciar as condições geográficas que ocorrem em cidades do Oeste do Paraná relativo à expansão da atividade industrial, considerando que estas atividades industriais estão relacionadas principalmente ao avanço da agroindustrialização, com a ampliação da atividade avícola e suinocultora, sobretudo às cooperativas que atuam nos municípios dos Oeste do Paraná.

Consideração importante destas condições estruturais geográficas da região é a estrutura fundiária da região, sendo em sua maioria propriedades pequenas com relativa população residente no campo, esta população serve como mão-de-obra para a produção dos suínos e aves em grande escala, num sistema caracterizado como integração.

A produção avícola moderna se inicia, no Paraná e no 3º espaço², com os contratos de integração entre a agroindústria e os produtores, nos anos 1960, particularmente pela Sadia. À época, as agroindústrias privilegiavam agricultores com certas características: pequenos produtores, com produção diversificada e mão-de-obra familiar não assalariada. Entre outras questões, essa estratégia visava que os próprios produtores fornecessem parte dos insumos para a alimentação dos animais, a soja e o milho principalmente, diminuindo os custos da produção, assim como os custos de manutenção da família. Atualmente, com os incrementos tecnológicos da produção avícola nas propriedades rurais – mecanização das atividades de alimentação, controle de temperatura, tamanho dos aviários –, estabelece-se uma relação empresarial na gestão e no emprego, e de dependência da cadeia de fornecedores na atividade (IPARDES, 2008 p.34).

O trabalho desempenhado pelos trabalhadores do campo é o fator principal da estrutura geográfica para a expansão da atividade industrial, visto sua importância na produção dos animais que abastecem os frigoríficos, pois nota-se que neste trabalho desempenhado, o trabalhador torna-se fator permanente da produção, pois para este tipo de produção o zelo na produção/engorda dos animais são altos, verificando a perda da autonomia do trabalhador com outros cuidados agrícolas que a propriedade agrária apresenta, tais como controle da não criação da chamada galinha “caipira”, tempo

² O IPARDES considera a região oeste do Paraná como 3º Espaço Relevante no estado.

constante e quase que exclusivo aos aviários, principalmente, pois a falta de energia para ventilação dos aviários pode causar a morte de grande quantidade de aves.

Há uma forte integração a que o trabalhador está sujeito, tanto na produção dos grãos, quanto o trabalho nos aviários e pocilgas de suínos. Isto no caso dos trabalhadores integrados às empresas que mantêm este tipo de atividade agroindustrial.

Em relação às necessidades estruturais para a acumulação, evidencia-se a questão referente à circulação das mercadorias, seja relacionado aos meios de transportes, ou aos mercados necessários para a expansão do comércio. Em relação aos meios de transportes, na região oeste do Paraná tivemos a inauguração da rodovia BR 163 entre Marechal Cândido Rondon e Toledo e duplicação do trecho da rodovia BR 467 entre Cascavel e Toledo em 2007, seguindo de Cascavel até o porto de Paranaguá onde segue para exportação. Isto representa a melhoria das condições estruturais para a expansão da acumulação de capital. Embora tenha caráter conjuntural, mas que representa importante elo de expansão, são as relações comerciais que o governo brasileiro estabelece com os mercados emergentes da Ásia, principalmente com a China e o mercado árabe, isto representou para a região a possibilidade de expansão do comércio de aves e suínos com estes dois grandes centros consumidores.

Tabela 1. Comercialização de aves congeladas pela COPAGRIL - %

| | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|-----------------|-------|-------|-------|-------|
| Mercado Interno | 82,33 | 54,07 | 34,57 | 33,39 |
| Mercado Externo | 17,67 | 45,93 | 65,43 | 66,61 |

Fonte: COPAGRIL. Unidade Industrial de Aves

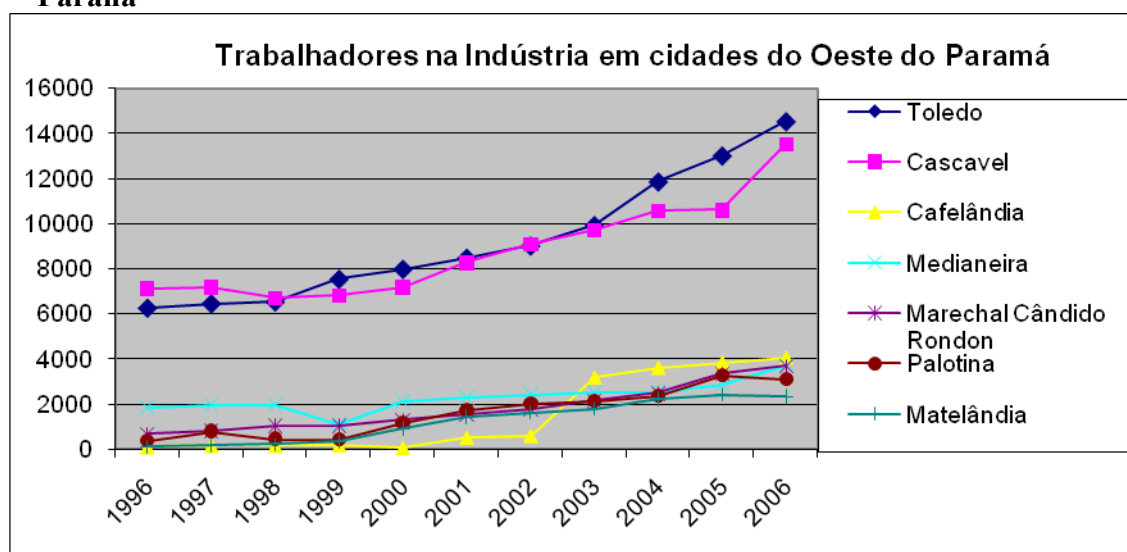
Estes dados refletem a expansão do comércio internacional ligado aos produtos da COPAGRIL, nos primeiros anos de atuação o mercado consumidor interno representou maior porcentagem de comercialização, já em 2007 há alteração da comercialização, sendo que o mercado externo passa a representar mais de 65% da comercialização dos produtos. Este reflete as características de apenas uma empresa, mas outras empresas também têm atuação forte com o mercado externo, como por exemplo, Sadia em Toledo, C-VALE em Palotina e COPACOL em Cafelândia.

A região Oeste do estado do Paraná caracteriza-se principalmente pela alta produção agrícola, com grande produção de grãos – soja e milho, com atuação forte de cooperativas de grande porte. Importantes considerações do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2008) salientando que

foi a expansão da produção de soja e, a partir daí, tem-se a fundação de cooperativas de produção, instalação de plantas industriais de transformação do grão de soja, implantação de moderna produção de aves e suínos e de indústria de carnes, produção e industrialização de leite, fábrica de rações, serviços de armazenagem e de comercialização (IPARDES, 2008 p.32).

O crescimento das cooperativas promove a expansão e surgimento de novas atividades produtivas, estas ligadas aos setores industriais, principalmente com os frigoríficos de suínos e aves. A atividade agrícola não se altera, o que ocorre é a expansão da agroindustrialização e aumento do número de empregos vinculados à produção industrial. Vejamos neste gráfico e na tabela o aumento do mercado de trabalho fabril em alguns municípios do Oeste do Paraná.

Gráfico 1. Trabalhadores na Indústria em municípios selecionados do Oeste do Paraná



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relatório Anual de Indicadores Sociais. Disponível em <<http://www.mte.gov.br>> Acesso em 03 de Fev. de 2009. Elaboração própria.

Tabela 2. Trabalhadores na Indústria.

| | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|---------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|-------|-------|
| Toledo | 6261 | 6454 | 6540 | 7544 | 7986 | 8483 | 9018 | 9929 | 11864 | 13019 | 14536 |
| Cascavel | 7123 | 7175 | 6712 | 6825 | 7178 | 8273 | 9087 | 9716 | 10587 | 10607 | 13520 |
| Cafelândia | 114 | 172 | 177 | 194 | 80 | 540 | 613 | 3194 | 3627 | 3862 | 4074 |
| Medianeira | 1864 | 1977 | 1973 | 1130 | 2121 | 2290 | 2450 | 2517 | 2549 | 2874 | 3719 |
| Marechal C. Rondon | 707 | 837 | 1059 | 1066 | 1331 | 1558 | 1804 | 2184 | 2486 | 3370 | 3693 |
| Palotina | 378 | 797 | 456 | 432 | 1151 | 1716 | 2013 | 2127 | 2355 | 3272 | 3117 |
| Matelândia | 130 | 175 | 220 | 359 | 939 | 1448 | 1638 | 1803 | 2247 | 2429 | 2344 |

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relatório Anual de Indicadores Sociais. Disponível em <<http://www.mte.gov.br>> Acesso em 03 de Fev. de 2009. Elaboração própria.

A expansão do mercado de trabalho fabril nestas cidades da região Oeste paranaense é marcante, representando impactos na estrutura fabril destas cidades. Em Cafelândia no ano de 2002 haviam 613 empregos na indústria, já no ano de 2003 este número passa para 3.194 empregos, em uma cidade de porte pequeno este aumento representa fortes impactos, tanto para a dinâmica local do município, quanto para os municípios próximos, um dos impactos importantes é a mobilidade da força de trabalho que ocorre entre os municípios, seja em processos diários de locomoção dos trabalhadores até as indústrias, seja nos processos de desterritorialização e reterritorialização da força de trabalho entre os municípios.

Apresentamos o caso de Cafelândia que é marcante, mas em outras cidades o aumento de empregos industriais é expressivo, principalmente se comparados num período maior, este aumento não parece ser grande, mas para a dinâmica local e regional são grandes mudanças na estrutura do mercado de trabalho, visto que a maioria das cidades são cidades de porte pequeno, somente Cascavel, acima de 200.000 habitantes e Toledo acima de 100.000 habitantes (IBGE, 2009).

A geografia que o capital apresenta no Oeste do Paraná, não é de deslocamento da atividade agrícola para a atividade industrial, mas de espraiamento de suas relações, expansão do poder do capital para uma atividade que apresenta fortes relações com o campo, a agroindustrialização, visto a estrutura agrária que a região oferece, como já salientado. O capital apresenta esta característica não apenas nesta lógica produtiva, mas procura a expansão e o controle de todas as atividades produtivas e não produtivas que possibilitam abarcar o maior número de regiões e formas de domínio. Para a essência do capitalismo é necessário o domínio do trabalho, visto que este sistema está assentado sob a lógica do conflito entre o capital e o trabalho, e na região oeste paranaense uma forma de controle do trabalho são as cooperativas agroindustriais, visto que, controlam o trabalho no interior da fábrica que beneficia suínos e aves e o trabalhador do campo tendo como função a engorda dos animais no interior da propriedade agrária.

Como consequência da expansão do capital agrícola para outras atividades temos a expansão da atividade industrial e aumento do emprego neste setor da atividade. Sendo que na região oeste paranaense a atividade industrial que mais se destaca e que mais avança está relacionada à atividade alimentícia e de bebidas.

Em 2005, nesse espaço, 72,21% do VAF³ industrial total era gerado pela indústria de alimentos, fortemente concentrada na indústria de abate de animais, com 42,47%. Além disso, o segmento Fabricação de Produtos Alimentícios e Bebidas foi responsável por 2/3 do total da variação absoluta do valor adicionado industrial entre 2000 e 2005 (IPARDES, 2008 p. 36).

Nestas circunstâncias a região oeste paranaense se apresenta com forte concentração de indústrias relacionadas a produtos alimentícios e de bebidas, com grande participação das cooperativas da região. Destacando indústrias de grande porte, como destaca o IPARDES em relação à outras regiões do estado do Paraná.

A dimensão espacial da concentração é reforçada pela dimensão empresarial. Em 2005, no 3º espaço, estavam instalados 17 dos 300 maiores estabelecimentos industriais do Paraná, segundo o faturamento. Esses estabelecimentos foram responsáveis por 55,80% de todo o VAF industrial do 3º espaço, num universo de 2.913 estabelecimentos. A localização dos maiores estabelecimentos é a seguinte: sete em Cascavel, três em Toledo, e os outros sete estabelecimentos se distribuem em sete municípios – Cafelândia, Marechal Cândido Rondon, Palotina, Medianeira, Matelândia, Céu Azul e Itaipulândia. Ou seja, a produção industrial, tanto da ótica espacial quanto do ponto de vista empresarial, está concentrada em nove dos 49 municípios do espaço, principalmente em Toledo e Cascavel. (IPARDES, 2008 p.39)

O Oeste paranaense se apresenta como concentrador da atividade industrial ligada aos produtos alimentícios e no âmbito geográfico da região a concentração também se faz presente, visto que Cascavel e Toledo que concentram os maiores estabelecimentos industriais ligadas à produção alimentícia e de bebidas. Estes estabelecimentos industriais, principalmente ligados à atividade agroindustrial foram responsáveis por gerar grande quantidade de emprego, porém é pertinente analisar se estes postos de trabalho gerados são unidades de emprego que tem boa remuneração. Vejamos.

Dos três principais segmentos industriais do 3º espaço, Fabricação de Produtos Alimentícios e Bebidas apresentou geração média de R\$ 44.826,00/ano/unidade de emprego; Fabricação de Produtos Químicos, R\$ 54.449,00/ano; e Fabricação de Móveis e Indústria Diversa, R\$ 16.871,00 (IPARDES, 2008 p. 40).

Utilizando-se o valor adicionado gerado por unidade de emprego formal (VAF/nº emprego) como parâmetro indicativo do potencial de consumo e de investimentos, o que se observa é que, no maior segmento, a atividade “Abate” gera, relativamente, pouco valor por unidade de emprego e as

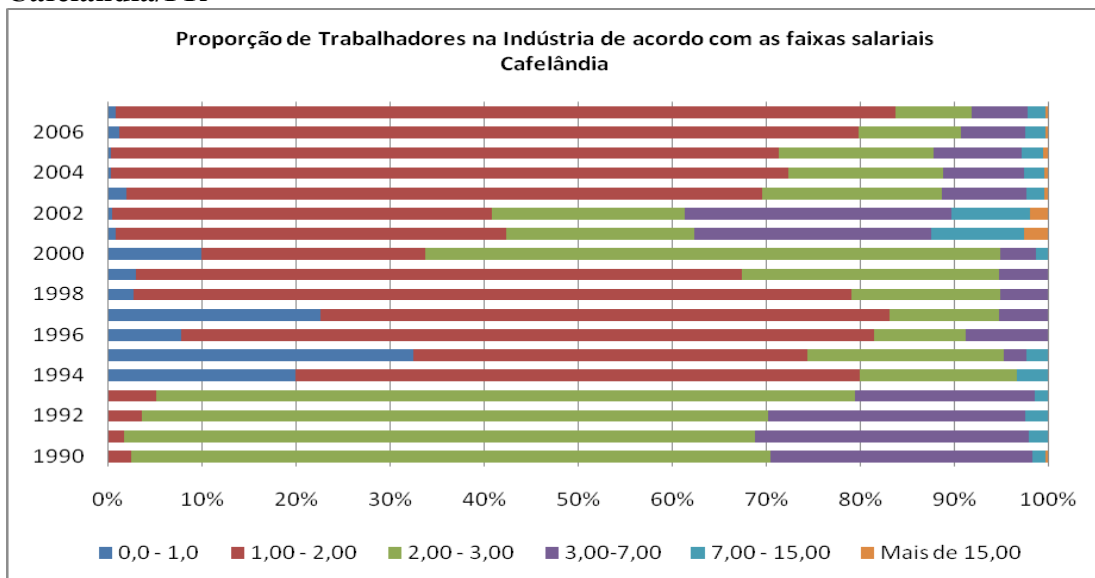
³ Valor Adicionado Fiscal

atividades mais produtivas perdem participação (IPARDES, 2008 p. 40-41).

Isto demonstra que a indústria de frigoríficos de suínos e aves gera pouco valor por unidade de emprego, sendo que é neste setor que houve maior incremento de emprego industrial nos últimos anos.

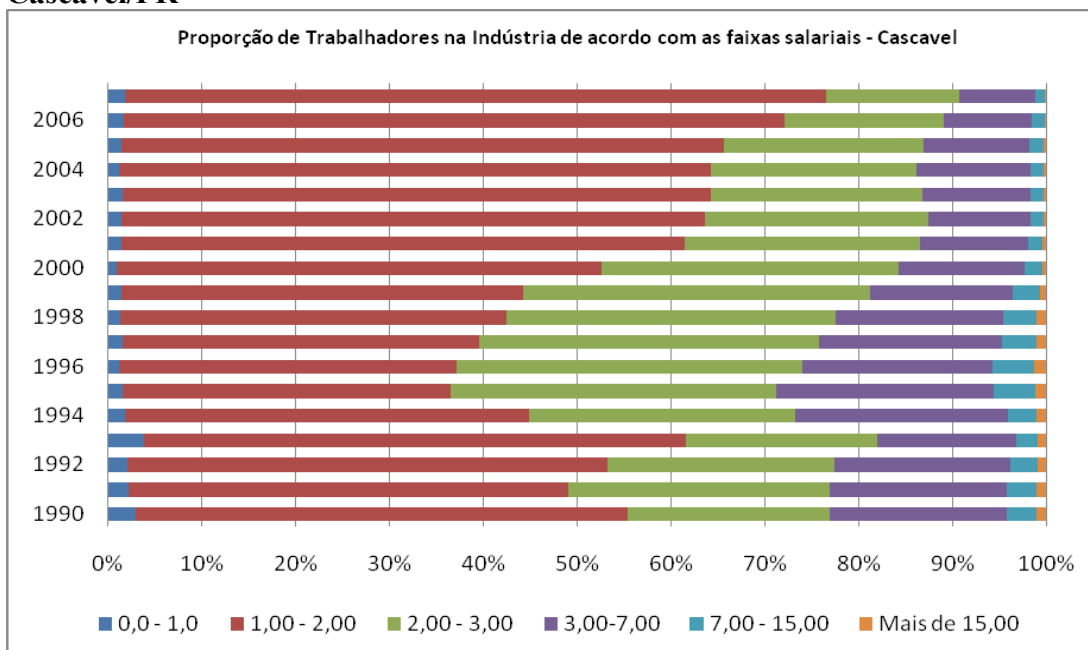
Neste sentido é possível observar de acordo com os dados do Ministério do Trabalho e Emprego que o incremento do emprego na indústria ocorreu principalmente nas baixas faixas salariais, salários entre 1–2 salários mínimos (sm), foram selecionados alguns municípios para demonstrar esta expansão.

Gráfico 2. Proporção de Trabalhos na Indústria de acordo com as faixas salariais – Cafelândia/PR



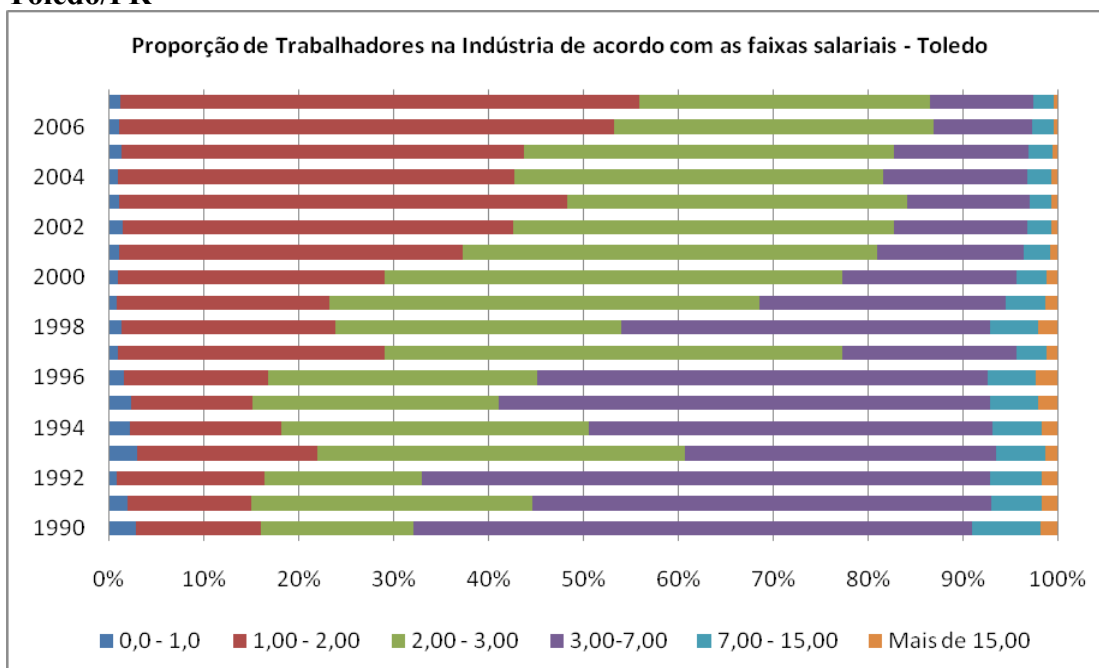
Fonte: MTE/RAIS. Elaboração Própria

Gráfico 3. Proporção de Trabalhos na Indústria de acordo com as faixas salariais – Cascavel/PR



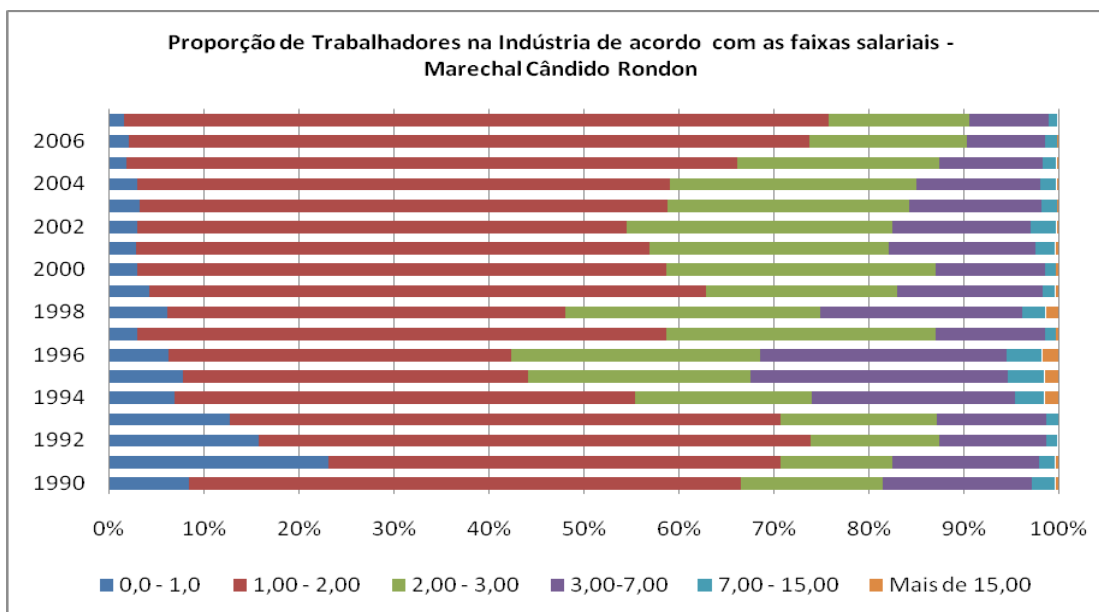
Fonte: MTE/RAIS Elaboração Própria

Gráfico 4. Proporção de Trabalhos na Indústria de acordo com as faixas salariais – Toledo/PR



Fonte: MTE/RAIS Elaboração Própria

Gráfico 5. Proporção de Trabalhos na Indústria de acordo com as faixas salariais – Marechal Cândido Rondon/PR



Fonte: MTE/RAIS Elaboração Própria

No caso de Cafelândia, especificamente entre os anos de 2002 e 2003 verifica-se aumento dos trabalhadores que recebem entre 1 (um) e 2 (dois) salários mínimos, no ano de 2002 havia 248 trabalhadores recebendo entre 1 – 2 salários mínimos, já no ano de 2003 havia 2.159 trabalhadores, representando um aumento de 870% no número de trabalhadores nesta faixa salarial. Em relação à proporção, nota-se que no ano de 2002 a proporção de trabalhadores que recebem entre 1 – 2 salários era de 40,4% do total de trabalhadores, em 2003 ocorre aumento desta proporção chegando até 67,6% de trabalhadores que se enquadram nesta faixa salarial.

Em outro exemplo característico na região Oeste é o município de Toledo em que houve crescimento vertiginoso da indústria, possibilitando rebatimentos locais quanto regionais. Em 2003 no município de Toledo haviam 9.929 trabalhadores no setor industrial, no ano de 2006 este número aumenta para 14.536 trabalhadores. Em relação à quantidade de trabalhadores de acordo com as faixas salariais em 2003 havia 4.683 trabalhadores dentro da faixa salarial entre 1 – 2 salários mínimos representando 47,2% do total de trabalhadores, em 2006 o número de trabalhadores desta faixa salarial era de 7.501 trabalhadores representando 52,8%. O aumento do emprego nas faixas salariais menores representa o aumento da exploração da força de trabalho.

Estas análises se confirmam com as do IPARDES (2008).

Sobre a remuneração do trabalho, é importante assinalar que embora o 3º espaço tenha melhorado muito sua participação no total do emprego do Estado, os novos postos de trabalho foram criados, na maioria, em faixas

de remuneração mais baixas, ou seja, até 3 SM. Obviamente este foi também o comportamento de todo o Estado. Ocorre que no 3.o espaço a proporção foi maior (IPARDES, 2008 p. 46).

Entre 2000 e 2005, o espaço aumenta ainda mais sua participação no emprego estadual da Indústria, atingindo 20,79% deste, e amplia a participação dos postos de trabalho nas faixas de menor remuneração: 84,92% dos empregos do espaço tinham remuneração até 3 SM em 2005. É importante lembrar que de 1985 a 2005 houve uma ampliação de 5,93% para 20,79% na participação do espaço no emprego estadual da Indústria (IPARDES, 2008 p.47).

Essas oscilações da força de trabalho, segundo faixas de remuneração, se devem às variações dos ganhos reais do salário mínimo, o que aconteceu em todo o território nacional. Todavia, há que se mencionar que no 3º espaço, particularmente, a inserção da força de trabalho em faixas mais baixas de remuneração foi sempre maior que a média do Estado. Esse aspecto pode ser explicado pela matriz econômica presente no espaço e pela decomposição do dado de emprego por setor econômico, mas também pode estar revelando que a exploração do trabalho no espaço é maior, considerando-se a média do Estado (IPARDES, 2008 p.46).

Desse modo o crescimento do emprego na região oeste do Paraná se materializa enquanto emprego de baixa remuneração, com altos níveis de exploração da força de trabalho, e em outras épocas na mesma região, pois para o modo capitalista é através da exploração do trabalho e absorção cada vez mais crescente da mais valia que os capitalistas conseguem obter taxas de acumulação maiores.

Outra característica importante dos trabalhos gerados, majoritariamente nos frigoríficos de aves e suínos, é o alto nível de precariedade dos empregos nos frigoríficos, principalmente quanto às Lesões por Esforço Repetitivo (LER), ambientes insalubres com temperaturas baixas, acidentes de trabalho, como amputação dos dedos ou acidentes no transporte de trabalhadores advindos de outras cidades, estas observações estão presentes no documento “Cartilha sobre a saúde do trabalhador: fique de olho para não entrar numa fria: cartilha para trabalhadores dos frigoríficos” (2008), elaborado pelo Programa de Mestrado em Educação, curso de Enfermagem, ambos da Unioeste – Cascavel e pela Associação dos Portadores de Lesões por Esforços Repetitivos de Cascavel, procurando orientar os trabalhadores dos frigoríficos sobre as condições de trabalho e auxiliando-os em casos de constatação de doenças decorrentes do trabalho.

Estas considerações são importantes, pois o mercado de trabalho representa a relação do emprego da mão-de-obra com o sistema capitalista, visto sua relação de venda da força de trabalho, sendo esta a forma de realização, fechando o ciclo de produção da

mercadoria e seu consumo, estas relações não são simples, mas estão num conjunto de forças que fazem parte do desenvolvimento econômico em que mercado de trabalho apresenta momentos de expansão e de contração.

Nas apreciações do desenvolvimento do capital industrial no Oeste do Paraná e aumento do emprego fabril é importante verificarmos a ação do Estado enquanto regulador e principalmente como facilitador da expansão da atividade industrial, portanto nota-se que a geografia em que o capital industrial se apóia apresenta diversidades amplas, seja na exploração da força de trabalho para a produção da matéria-prima para os frigoríficos, seja do Estado como facilitador da circulação das mercadorias até os mercados consumidores distantes.

Considerações

Fica explícito nas colocações anteriores que a ampliação do emprego nas indústrias da região Oeste do Paraná foram empregos de baixa remuneração e com condições de trabalho aviltantes para a vida dos trabalhadores. Desse modo implica considerar sobre as necessidades de expansão das relações capitalistas de produção, com alta exploração da força de trabalho, seja no interior da unidade fabril ou na propriedade agrária, contabilizando rentabilidade elevada para o sistema capitalista, portanto este sistema mantém meios pelos quais recria condições para que sua expansão ocorra em todas as escalas, níveis e formas.

Bibliografia

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo.** São Paulo: Boitempo, 2000;

CARVALHAL, Marcelo Dornelis. O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do capital. In: **Pegada**, Vol. 8, n. 1, Presidente Prudente: CEGeT, Junho de 2007;

CORSI, F. L. **A Questão do Desenvolvimento à luz da Globalização da Economia Capitalista.** Revista de Sociologia Política. Curitiba, 19, p. 11-29, Nov. 2002;

COPAGRIL, **Cooperativa Agrícola Mista de Marechal Cândido Rondon – Unidade Industrial de Aves.** 2009. Disponível em <<http://www.copagrill.com.br/uia/comercializacao.html>>. Acesso em 16 de Junho de 2009;

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1992;

_____. **A produção capitalista do espaço**. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2006;

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Famílias Pobres no Estado do Paraná**. Curitiba: IPARDES, 2003;

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). Disponível em <<http://www.ipardes.gov.pr/>>. Vários acessos, 2008 e 2009;

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, **Relatório Anual de Indicadores Sociais, CAGED**. Disponível em <<http://www.mte.gov.br>>. Vários acessos;

MUROFUSE, Neidi Tiemi *et al.* **Cartilha sobre a saúde do trabalhador**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestrado em Educação, curso de Enfermagem, Associação dos Portadores de Lesões por Esforços Repetitivos. Cascavel: Gráfica Universitária, 2008;

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalização e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.